



## MONUMENTOS POLÍTICOS OU A POLÍTICA DOS MONUMENTOS? OS SIMBOLISMOS NA PRAÇA DOS GIRASSÓIS EM PALMAS, TO

Political monuments or monument policy? The symbolism on Girassóis square, in Palmas, TO

¿Monumentos políticos o la política de los monumentos? Los simbolismos en la Plaza de los Girasoles en Palmas- TO

Monuments politiques ou politique des monuments? Symbolismes à la Place des Turnesols à Palmas, TO

<https://doi.org/10.35701/rcgs.v22n1.482>

Wesley dos Santos Lima<sup>1</sup>

### Histórico do Artigo:

Recebido em 08 de Agosto de 2019

Aceito em 27 de Outubro de 2019

Publicado em 25 de Abril de 2020

### RESUMO

O artigo em questão objetiva analisar os monumentos como instrumentos políticos dotado de simbolismos na Praça dos Girassóis em Palmas–TO, considerando que os monumentos construídos ao redor da Praça dos Girassóis dispõem de sentidos e significados, simbolismo e representações, e que também são indiferentes para a construção dos espaços de afetividade e de memória dos cidadãos que residem na capital do Tocantins.

**Palavras-chave:** Monumentos, política, simbolismo.

### ABSTRACT

The following paper aims to examine the monuments as political instruments filled with symbolism on “Praça dos Girassóis”, in Palmas, TO, given that the monuments built around the Girassóis’ square have senses and meanings, symbolism and representation, and also are indifferent for the construction of the spaces of affection and memory of citizens living in the capital of Tocantins.

**Keywords:** Monuments, politic, symbolism.

### RESUMEN

El artículo actual tiene por finalidad analizar los monumentos como instrumentos políticos dotados de simbolismos en la “Plaza de los Girasoles”, en Palmas–TO, considerando que los monumentos construidos alrededor de la Plaza de los Girasoles tienen sentidos y significados, simbolismo y representaciones, y también que son indiferentes para la construcción de los espacios de afectividad y de memoria de los ciudadanos que habitan en la capital de Tocantins.

**Palabras clave:** Monumentos. Política. Simbolismos.

<sup>1</sup> Mestrando pelo programa de Pós – Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins (UFT) Porto Nacional. Licenciado em História pela Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). E-mail: lima.wesley@mail.uft.edu.br

## RÉSUMÉ

L'article en question vise à analyser les monuments en tant qu'instruments politiques dotés de symbolisme sur la Praça dos Girassóis (Place des Turnesols) à Palmas - TO, étant donné que les monuments construits autour de la place ont des sens et des significations, du symbolisme et des représentations, et qu'ils sont également indifférents à la construction d'espaces d'affection et de mémoire des citoyens qui résident dans la capitale du Tocantins.

**Mots-clés:** monuments, politique, symbolisme.

## INTRODUÇÃO

O espaço urbano engloba, em sua configuração territorial, divisões sociais pensadas estrategicamente para delimitar ocupações, definir grupos e classes, e, em certa medida, produzir simbolismos e representações no imaginário social, através dos monumentos simbólicos distribuídos espacialmente pela cidade. A construção de monumentos urbanos marca a paisagem e integra valores estéticos e arquitetônicos, possibilitando aos sujeitos transeuntes desse lugar uma experiência que desencadeia o fascínio no fitar.

Os monumentos construídos dentro do tecido urbano introjetam simbologias através da iconografia expressa. Diante disso, as simbologias atribuídas aos diferentes monumentos conotam múltiplos significados e interpretações. Corrêa (2007b, p. 10) tece ressalvas sobre os sentidos produzidos por meio de monumentos — o autor discute que os monumentos produzem poder. No discurso, os monumentos perpassam a ideia de serem apenas objetos estéticos e se consagram como “mecanismos regulatórios de informação que controlam significados” (ROWNTREE; CONLEY, 1980, p. 460).

Dessa forma, o artigo em questão objetiva discutir a política e o simbolismo dos monumentos presentes na Praça dos Girassóis em Palmas–TO, considerando que os monumentos construídos ao redor da Praça dos Girassóis dispõem de sentidos e significados, simbolismo e representações, e também que são apáticos para a construção dos espaços de afetividade e de memória dos cidadãos que residem na capital do Tocantins. A cidade de Palmas se caracteriza como uma cidade planejada que perpassa não apenas os elementos da modernidade em sua estética arquitetônica, como também elementos da arquitetura pós-moderna.

O geógrafo e estudioso do campo da geografia urbana, Roberto Lobato Corrêa, problematiza o sentido político associado ao planejamento e à construção dos monumentos. Segundo esse autor, as *formas simbólicas* tornam-se *formas simbólicas espaciais* quando diretamente relacionadas ao espaço, constituindo-se em fixos e fluxos, isto é, localizações e itinerários no espaço (CORRÊA, 2007b, p. 09).

Desse modo, a Praça dos Girassóis e seus monumentos tornam-se *formas simbólicas espaciais* quando possuem ordenação itinerária regendo o espaço utilizado, percorrendo desde o

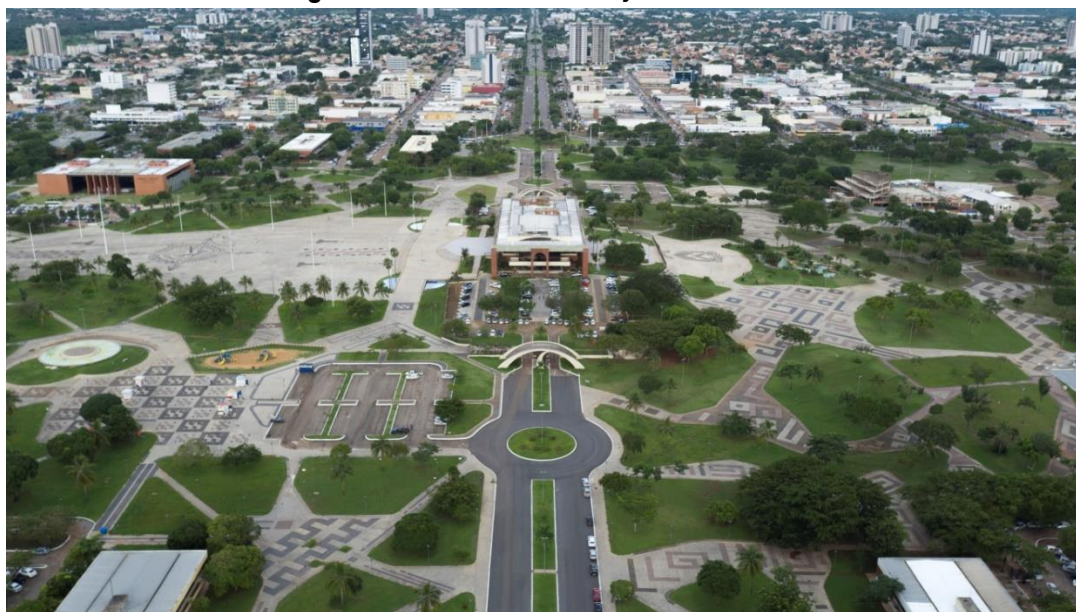
Palácio do Araguaia e passando pelo Monumento à Bíblia, pelo Memorial Coluna Prestes, pelo Monumento aos Dezoito do Forte, entre outros.

A construção e o planejamento da cidade perpassaram por recortes arquitetônicos, urbanistas e estilísticos muito semelhantes com as capitais vizinhas (Brasília e Goiânia). Nesse sentido, a Praça dos Girassóis foi pensada nesse processo de construção e urbanização para marcar a paisagem e se apresentar como ponto central, expressando o poder político da cidade de Palmas e do Estado do Tocantins.

Segundo Fernandes (2011), a praça dispõe de quase 63 hectares e mede 750 por 850 metros. No projeto urbanístico da cidade, que nos anos 2000 sofreu atualização pela Secretaria de Infraestrutura, Diretoria de Obras (SEINF), as dimensões da praça são aproximadamente 720 por 830 metros. O resultado é uma área de mais de 592 mil metros quadrados, fazendo desta a maior Praça da América Latina e a segunda maior praça do mundo (FERNANDES, 2011, p.206).

Assim, “a Praça dos Girassóis tornou-se marco, referência simbólica, pela localização privilegiada dentro do traçado urbano e pela disposição e monumentalidade dos prédios públicos que a compõem” (REIS, 2011, p. 121).

**Figura 1:** Vista aérea da Praça dos Girassóis.



Fonte: Flávio André, 2018.

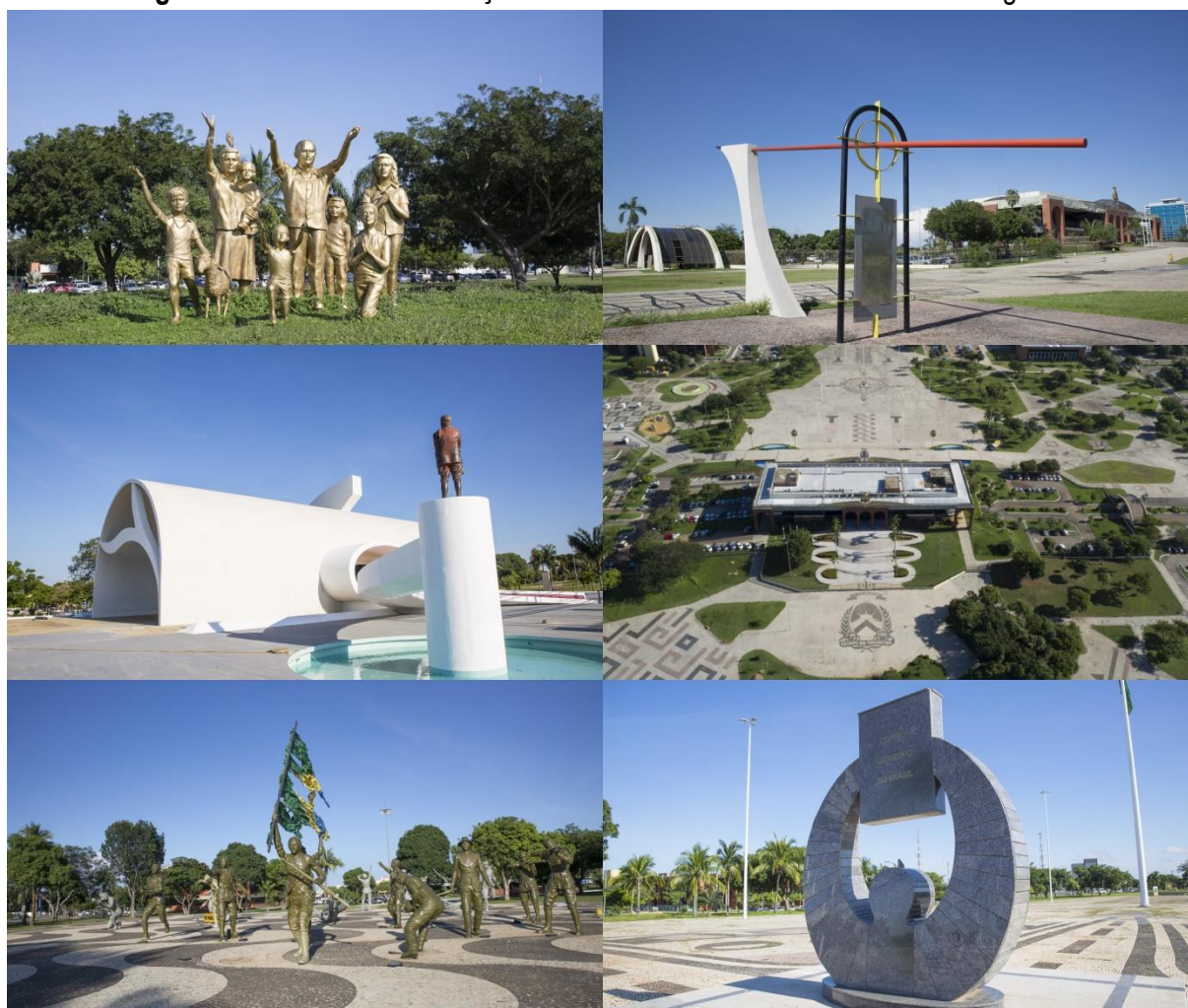
Constitui-se não apenas como o espaço administrativo que abriga os edifícios das esferas estadual e federal, mas a Praça também se consagrou como o *lócus* de memória e poder, que reproduz símbolos e formas espaciais, por intermédio dos elementos constitutivos presentes nos monumentos distribuídos espacialmente. Corrêa (2013, p. 73) assimila que os monumentos são formas

simbólicas grandiosas, podendo ser estatuas, obeliscos, colunas e templos, que objetivam marcar a paisagem de determinados espaços públicos da cidade.

A Praça, que desperta olhares pela sua grandiosidade e pela localização, integra, em seu conjunto espacial, diversos monumentos. Entre eles: o Monumento Súplica dos Pioneiros, o Monumento à Bíblia, o Centro Geodésico, o Monumento aos Dezoito do Forte, o Memorial Coluna Prestes, o Relógio do Sol, a Cascata, o Cruzeiro e o Palácio Araguaia (Figura 2).

Cada inserção simbólica neste espaço tem uma lógica moldada, embora não seja autoexplicativa, inclusive a desmesurada extensão da praça, que não se justifica pelo que nela existe, a paisagem cotidiana, que é resultado da grandiosidade do espaço, vendo bem, transbordamento de monotonia, dir-se-ia (REIS, 2011, p. 122).

**Figura 2:** Monumentos da Praça dos Girassóis e vista aérea do Palácio Araguaia.



Fonte: Flávio André, 2018.

## MONUMENTOS POLÍTICOS E A POLÍTICA DOS MONUMENTOS

Os monumentos que fazem parte do circuito da Praça são formas simbólicas espaciais por marcarem a paisagem ocupada. Nesse sentido, nota-se a necessidade de pensar os seus monumentos simbólicos como instrumentos fornecedores de significados e representações, articulando as forças políticas que atuaram e sistematizaram a construção desses monumentos na Praça dos Girassóis.

Primeiramente, é importante destacar que o planejamento da Praça sofreu alterações significativas, diferenciando do projeto inicial elaborado pelo GRUPOQUATRO (1989) o projeto desenvolvido na prática. Segundo Reis (2011, p. 120), o então primeiro governador do Estado, Siqueira Campos, sugeriu modificações no plano urbanístico da Praça, como a fixação de monumentos que representassem a história política da criação do Estado, presente nas frisas (Figura 3) do Palácio do Araguaia, e o Monumento Súplica dos Pioneiros (Figura 4). Assim, e parafraseando a mesma autora “a fixação da imagem de Siqueira como o grande construtor-civilizador, futuramente será importante para a perpetuação de seu grupo político no Estado”.

**Figura 03:** Frisas da Fachada do Palácio Araguaia.



Fonte: Anjos, 2017.

Silva (2010) aborda o elo entre os monumentos e a memória histórica da cidade de Palmas. Para a autora, os monumentos formam um conjunto de memórias encaixadas e desencaixadas que esboçam a história do Estado (...), porém se constituem de fragmentos desalinhados do contexto. A autora em questão dá vida ao conceito de “cidade imaginária ausente de tempo”. Isso significa dizer que uma cidade marcada por uma “ausência de tempo de história-memória é uma cidade que espera ‘acontecer’, é projetada; foge, portanto, da longa duração (BRAUDEL, 1992, p. 49)”.

Os monumentos simbólicos situados na Praça não articulam memórias de historicidade local e regional, mas criam uma ligação com a história nacional; parte do imaginário nacional para o regional. Assim, os monumentos construídos que deveriam produzir memórias evocadas pelo pertencimento são dispersos de todo o contexto fundador da cidade. Pesavento (2008, p. 10) aborda que os monumentos

são, por definição etimológica, obras que fixam a atenção, feitas para lembrar; monumento é algo que erige como um lugar de memória, como um marco significativo de referência para rememoração.

A construção de monumentos se faz de modo selecionado e articulado. É, sobretudo, uma construção que necessita produzir algum sentido ou impacto social para aqueles que o verem. Os monumentos inseridos no tecido urbano de uma cidade produzem incessantes conotações de representatividade, seja essa representatividade política, social, cultural ou econômica.

Ponderar sobre a espacialidade dos monumentos simbólicos encontrados na Praça dos Girassóis em Palmas/TO é, necessariamente, explanar sobre as “tradições inventadas” que Hobsbawm e Rager (1997, p. 08) definem como sendo “um conjunto de práticas reguladoras de natureza ritual ou simbólica que visam inculcar valores e normas de comportamento e que tenta estabelecer continuidade com um passado apropriado”. Sendo assim, o espaço se configura como o cerne dessas tradições inventadas, ao mesmo tempo em que as formas simbólicas inseridas no espaço são necessariamente vinculadas à ideia de poder e, mais do que isso, à ideia de superioridade (CORRÊA, 2007).

Para o autor supracitado, os monumentos foram construídos por grupos sociais ou por instituições que os representam, muitas vezes utilizados como uma forma de expressar e ratificar valores e exibir o poder que esses grupos possuem. Para Silva (2010, p. 60-61), há uma relação profunda entre o que a cidade de Palmas apresenta como significação e as ações políticas, ideias e intenções de J. W. de Siqueira Campos. Mas, tratando-se dos monumentos da Praça, notamos que as simbologias carregam significados ínfimos, que pouco falam sobre a história e a construção do Estado do Tocantins, ou da própria cidade de Palmas – TO. Monumentos esses que carregam o semblante do primeiro governador e de sua família. Tal inscrição espacial, dentre outros elementos iconográficos, possibilita a criação de um mito (Figura 03). Destarte, Rodrigues (2008, p. 18) pondera que “os símbolos e os monumentos erguidos em praças públicas pelos sistemas totalitários nacionais serviam como uma espécie de coisificação da ideologia política”.

A legitimação do mito do criador do Tocantins busca sustentar-se na construção de um imaginário que relaciona – em monumentos (como por exemplo, a fachada do Palácio Araguaia ou os painéis dispostos no hall de entrada do prédio), Hino do Tocantins e outras manifestações artísticas – a figura de Siqueira Campos a outros movimentos pró-criação do Estado do Tocantins (ANJOS, 2017, p. 96).

Não há como negar que a política engendrada nos monumentos expressa o anseio da perpetuação da memória no âmago da História. Siqueira Campos torna-se um mito por reproduzir discursos e implantar imagens que abordem sua própria luta e trajetória política. Para Reis (2011, p. 108) “a imagem de Siqueira foi construída para representar o pioneiro construtor do novo Estado e essa imagem foi impregnada no imaginário popular, a ponto de muitos o denominarem o criador do Tocantins”.

**Figura 4:** Monumento Súplica dos Pioneiros que segundo Anjos (2017, p. 110) faz alusão ao ex-governador do Estado do Tocantins, Siqueira Campos, e sua família.



Fonte: Flávio André, 2018.

Assim, os monumentos dinamizam uma relação em escala macro ou micro, ou seja, a fixação de determinado monumento narra a história política, social e/ou cultural de uma região. Nesse sentido, os monumentos “enquanto construções sociais, politicamente concebidos, são portadores de ambiguidades. A sua capacidade de transmitir aquilo que desejavam os seus idealizadores pode ser limitada, e mesmo contestados, os significados que deles se desejavam”. É, portanto, subjetivo compreender o sentido político dos monumentos sem a obtenção de documentos que já afirmam a importância da construção e implantação destes.

## FORMAS SIMBÓLICAS ESPACIAIS

A natureza política das formas simbólicas da Praça envolve, por outro lado, uma política de escala, na qual as dimensões das formas simbólicas espaciais são politicamente concebidas. Reproduzir formas simbólicas espaciais necessariamente implica em fabricar memórias e sentidos. Consequentemente, as formas simbólicas espaciais da Praça dos Girassóis pressupõem isso. Mas quais memórias são produzidas ou lembradas a partir do vislumbre aos monumentos?

Tal questionamento é necessário para identificar os monumentos como “elementos centrais da iconografia política do território” (CORRÊA, 2013, p.75). Destarte, e parafraseando o autor supracitado, os monumentos podem expressar o sentimento estético do momento e, ao mesmo tempo, constituir representações materiais dos profundos processos econômicos, sociais e políticos de um período de grandes transformações (CORRÊA, 2013, p.72).

As relações entre política e cultura manifestam-se em monumentos criados em diferentes momentos e lugares: estátuas, templos, memoriais e suntuosos prédios não são apenas formas estéticas inocentes, sendo portadores de significados, muitos dos quais de natureza política, significados esses que metaforicamente deseja-se comunicar. (...) As mensagens políticas que se pretende comunicar são, entre outras, a glorificação do passado, o anúncio do futuro promissor e valores étnicos, religiosos e de classe afirmando identidades (CORREA, 2014, p. 30).

Corrêa (2007, p.14) relaciona as formas simbólicas espaciais com a cultura, a política e o território. Nesse sentido, o autor em voga alude que a paisagem está impregnada de sentido político, uma vez que as simbologias expressas em monumentos têm associação com a paisagem da cultura dominante, que exhibe, por meio de formas simbólicas, o poder que a classe dominante porta, afirmando controle e marcando historicamente um legado. Politicamente, a fixação dos monumentos ou das formas simbólicas espaciais da Praça dos Girassóis condiciona uma necessidade de perpetuar uma memória política que seja capaz de manter vivos os discursos ou as ações do pretérito.

Tratando da Praça e seus monumentos, Silva (2010) aborda:

Dos monumentos pensados aos monumentos instalados, o empório dos estilos, o ecletismo e, sobretudo, os amuletos podem expressar com melhor eficácia a grandeza da cidade, seu papel civilizatório e tudo o que ela, nesse imaginário, representaria. Torre Eiffel, Dezoito do Forte de Copacabana, Monumento à Bíblia, Cruzeiro, Memorial Coluna Preste, Pórticos, Frontispícios, Monumento Súplica, Praça Krahô – uma praça dentro da praça – Frisas, além de um amplo conjunto decorativo: fontes, cascatas, relógios de sol (SILVA, 2010, p. 65 – 66).

A narrativa expressa o poder associado aos monumentos fixados na Praça e manifesta o conceito de magnanimidade que os monumentos teceriam no imaginário social. “O conjunto de monumentos espalhados pela gigantesca Praça dos Girassóis assemelha-se à exposição de um museu, cada objeto situa o seu lugar (...). O visitante ou o transeunte pode perguntar-se sobre a relação com a praça, ou o significado deles para a cidade” (SILVA, 2010, p. 72).

Brito (2011, p. 302) reforça que o planejamento e a construção da praça tiveram, desde o início da criação de Palmas, sua importância como lugar de decisões políticas. A Praça comportaria um local central para tomada de decisões importantes para o estado. E a sua dimensão simbólica deveria marcar o imaginário das pessoas que futuramente passaria por ali. Com relação aos monumentos, o autor pontua que “estes expressam um consenso religioso e (...) uma representação arquitetônica (...). Monumentos, como um conjunto de informações, mensagens, representações e capital econômico/financeiro exercendo interesses diversos” (BRITO, 2011, p. 310 – 311).

Contudo, é notável como a Praça foi planejada para marcar o ponto central da cidade e representar, por meio do vislumbre, a sensação de grandeza e poder. As pesquisas realizadas sobre os monumentos situados na Praça retratam com precisão as intenções políticas nas obras monumentais. Essas são contextualizadas como meras representações políticas, e não culturais.



Sendo assim, os monumentos não evocam na memória dos cidadãos palmenses uma ligação com a história local. São vistos, porém não lidos.

Sobre essa sensação de memórias não evocadas, Silva (2010, p. 72) tece alguns apontamentos:

O conjunto de monumentos espalhados pela gigantesca Praça dos Girassóis assemelha-se a exposição de um museu, cada objeto situa o seu lugar independente dos demais e recita um monólogo. O visitante ou o transeunte pode perguntar-se sobre a relação de um monumento com o outro ou com a praça, os significados deles para a cidade, alguns bastante abstratos, o que simbolizariam? As estatuetas contam histórias, mas não falam muito!

Há uma ínfima e difusa conexão das formas simbólicas fixadas na praça com a criação do Estado e da cidade de Palmas. Há objetos retratando histórias pessoais e não coletivas. São formas dispersas e ausentes de uma representação cultural capaz de produzir afetividade dos sujeitos palmenses com a Praça e seus monumentos. Contudo, por ser um Estado recém-fundado e uma cidade recém-construída, tais projeções monumentais servem como sistema regulatório de uma criação histórica. Dito de outra forma, a construção dos monumentos e suas representações políticas e ideológicas reafirmam a construção de uma memória, de uma história, e da assimilação dessas para a produção de uma identidade cultural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que esses monumentos construídos na Praça dos Girassóis dispõem de sentidos e significados, simbolismo e representações, que evocam, sobretudo, poder político e religioso, compondo, no imaginário social, fragmentos de uma história em formação, que tende a perdurar nas formas simbólicas espaciais da Praça dos Girassóis de Palmas – TO.

Individualmente, cada forma simbólica espacial descrita afirma ou contesta uma história/estória política e social. Nessa perspectiva, realizamos uma breve síntese que se pautou em discutir os sentidos e significados que moldaram a construção e implantação dos monumentos simbólicos na Praça dos Girassóis.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, A. C. C. **Do girassol ao capim dourado: apropriação e ressignificação de elementos naturais na narrativa identitária do Estado do Tocantins**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

BRITO, E. P. **Do sol que gira (o tempo) aos girassóis (o espaço)**. Entre-Lugar, 1(1), 99-112, 2010.

BRAUDEL, F. **“História e Ciências Sociais. A longa duração”**. In: Escritos sobre a História. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CORRÊA, R. L. **Uma sistematização da análise de monumentos na Geografia.** Terr@ Plural, Ponta Grossa 1 (1) 9-22. 2007 b.

\_\_\_\_\_, R. L. **Espaço e Simbolismo.** In: CASTRO, I. E. ; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L.. Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 133 – 153.

\_\_\_\_\_, R. L. **Monumentos, política e espaço.** In: CORRÊA, R. L e ROSENSAHL, Z (orgs.) Geografia Cultural: uma antologia, volume II/Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013,p. 73-100.

FERNANDES, L. D. **As praças cívicas das novas capitais brasileiras.** 2011. 245 f. Dissertação. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília. Brasília, DF, 2011.

GRUPOQUATRO. **Palmas: memória da concepção.** Palmas, 1989a.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

PESAVENTO. S. J. **História, memória e centralidade urbana.** Revista Mosaico, v.1, n°1, p. 3 -12, jan./jun, 2008.

REIS, P. O. B. **Modernidades Tardias no cerrado: discursos e práticas na história de Palmas – TO (1990 – 2010).** 227 f. Rio de Janeiro, Tese. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

RODRIGUES, J. C. **Estado do Tocantins: política e religião na construção do espaço de representação tocantinense.** 148 f. Presidente Prudente, Tese. Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente – São Paulo, 2008.

ROWNTREE, L. B; CONLEY, M. W. **“Symbolism and the cultural landscape”.** In: Annals of American Geographers. Vol. 70, N° 4. 1980, p. 459 – 474.

SILVA, V. C. P. **Palmas, a última capital projetada do século XX: uma cidade em busca do tempo.** São Paulo. Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 294 p.

ZIPPINOTTI, D. P. **As formas simbólicas espaciais e a dinâmica da centralidade em Vitória: um esforço de análise.** 188 f. Vitória, Dissertação. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória - ES. 2014.